

UNIVERSIDADE ABERTA



UNIVERSIDADE
AbERTA
www.uab.pt

O FADO E A QUESTÃO DA IDENTIDADE

Vilma Fernanda Séves de Albuquerque Silvestre

Doutoramento em Estudos Portugueses

Especialidade de Literatura Portuguesa

2015

UNIVERSIDADE ABERTA



UNIVERSIDADE
AbERTA
www.uab.pt

O FADO E A QUESTÃO DA IDENTIDADE

Vilma Fernanda Séves de Albuquerque Silvestre

**Doutoramento em Estudos Portugueses –
Especialidade de Literatura Portuguesa**

**Tese apresentada para obtenção do Grau de Doutor em Estudos
Portugueses, elaborada sob orientação do Professor Doutor
Carlos Castilho Pais**

Lisboa, março de 2015

APÊNDICE

Letras dos fados apresentados no corpo da Tese

Índice

1. “Ai, Mouraria”	1
2. “Aïe mourir pour toi”	3
3. “Bairro Alto”	5
4. “Barco Negro”	7
5. “Biografia do Fado”	9
6. “Calçada à Portuguesa”	11
7. “Canção do Mar”	13
8. “Canoas do Tejo”	15
9. “Canzone Per Te ”	17
10. “Com que Voz”	19
11. “Do vale à montanha”	21
12. “Erros Meus, Má Fortuna, Amor Ardente”	23
13. “Fado Amália ”	25
14. “Fado da Saudade”	27
15. “Fado da Severa”	29
16. “Fado das Caravelas”	31
17. “O Fado de Ser Fadista”	33
18. “Fado do Bairro Alto”	35
19. “Fado do Ciúme”	37
20. “O Fado dos Azulejos”	39
21. “Fado do Marinheiro”	41
22. “Fado do Marinheiro”	43
23. “Fado Fado”	45
24. “Fado Português”	47
25. “Fria Claridade”	49
26. “Gaivota”	51
27. “Há uma Música do Povo ”	53
28. “Lisboa de Vieira, Pessoa e Camões”	55
29. “Lisboa Menina e Moça”	57
30. “Lisboa Oxalá”	59
31. “Mãe Preta”	61
32. “Mar Português”	63

33. “ <i>Maria Severa</i> ”	65
34. “ <i>Nasceu Assim, Cresceu Assim</i> ”	67
35. “ <i>O Infante</i> ”	69
36. “ <i>O Que Sobrou de um Queixume</i> ”	71
37. “ <i>Primavera</i> ”	73
38. “ <i>Pierrot</i> ”	75
39. “ <i>Sou do Fado</i> ”	77
40. “ <i>Tudo Isto É Fado</i> ”	79
41. “ <i>Uma Casa Portuguesa</i> ”	81
Bibliografia	83

Este apêndice faz remissão para as letras dos fados apresentados ao longo do corpo do texto da tese intitulada *O Fado e a Questão da Identidade*.

Optamos por uma organização alfabética das letras dos fados, tendo em conta a sua importância e a pertinência dos mesmos ao longo de um século e meio de existência, desde que se ouviram os primeiros acordes, em meados do século XIX, até ao momento presente.

A identificação dos fados é feita pelo título com que figuram na história do Fado. Remetemos, também, para as páginas da nossa tese em que estão referenciados.

Apresentaremos uma breve nota informativa acerca da relevância que as letras indexadas tiveram para a promoção e divulgação desta tipologia musical, em Portugal e no Mundo. Explicitamos, ainda, as razões para a inserção desses fados neste trabalho de investigação. Não poderíamos, contudo, esquecer a identificação dos autores e compositores dos fados aqui mencionados, pois, sem eles, não existiria a nossa canção nacional.

Esperamos, com este suplemento, contribuir para uma leitura mais coerente e intertextual com os autores das letras de fados que muito contribuíram para que o Fado pudesse ascender ao patamar mais elevado da cultura nacional e internacional, ao ser nomeado como Património Imaterial da Humanidade, pela UNESCO, em 2011.

1. “*Ai, Mouraria*”

Autor da Letra: Amadeu do Vale
Autor da Música: Frederico Valério
Intérprete: Amália Rodrigues

Ai Mouraria
Dos rouxinóis nos beirais
Dos vestidos cor de rosa
Dos pregões tradicionais

Ai Mouraria
Das procissões a passar
Da Severa em voz saudosa
Na guitarra a soluçar

Ai Mouraria
Da velha rua da Palma
Onde eu um dia
Deixei presa a minha alma
Por ter passado
Mesmo ao meu lado
Certo fadista
De cor morena,
Boca pequena
E olhar trocista

Ai Mouraria
Do homem do meu encanto
Que me mentia
Mas que eu adorava tanto
Amor que o vento
Como um lamento
Levou consigo
Mas que ainda agora
Ai a toda a hora
Trago comigo

Ai Mouraria
Dos rouxinóis nos beirais
Dos vestidos cor de rosa
Dos pregões tradicionais

Ai Mouraria
Das procissões a passar
Da Severa em voz saudosa
Na guitarra a soluçar

Ai Mouraria
Dos rouxinóis nos beirais

Da Severa em voz saudosa
Na guitarra a soluçar.

(in página 241)

Nota: O título deste fado é um tributo ao Bairro da Mouraria, um antigo bairro lisboeta, onde existe a Rua do Capelão com um largo chamado de Largo da Severa, homenageando a célebre fadista que viveu neste local. Existe, efetivamente, uma ligação muito estreita entre o surgimento do Fado e este bairro da capital, território consagrado ao sentimento fadista. Este fado data de 1956. Amália cantou-o ao vivo no *Olympia*, em Paris, em 1987 (in: <http://youtu.be/X-yIedbjRjs>), acompanhada por Domingos Camarinha (guitarra) e por Santos Moreira (viola).

De acordo com Vítor Pavão dos Santos, Amália ter-lhe-á confessado que este «era um fado “que ficará eterno, o único do Valério que eu gosto de cantar e sempre cantei”» (SANTOS, V. P. dos, 2014: 137).

A referência a este fado, na página 241, ajuda-nos a perceber a existência de uma letra homogénea, que se associa integralmente ao espaço versado no poema.

2. “Aïe mourir pour toi”

Autor da Letra: Charles Aznavour
Autor da Música: Charles Aznavour
Intérprete: Amália Rodrigues

A l’instant où ta main me frole
Laisser ma vie sur ton épaule
Bercé par le son de ta voix
Aïe mourir d’amour
T’offrir ma dernière seconde
Et sans regret quitter le monde
En emportant mon plus beau jour
Pour garder notre bonheur
Comme il est là
Ne pas connaître la douleur
Par toi
Et la terrible certitude
De la solitude
Aïe mourir d’amour
Prendre le meilleur de nous-mêmes
Dans le souffle de ton je t’aime
Et m’endormir avec mes joies
Parle-moi
Console-moi
J’ai peur du jour qui va naître
Il sera le dernier peut-être
Que notre bonheur va connaître
Serre-moi
Apaie-moi
Quand j’ai l’angoisse du pire
Ne dis rien quand tu m’entend dire
Qu’au fond mourir pour mourir
Aïe mourir pour toi
Prendre le meilleur de nous-mêmes
Dans le souffle de ton “je t’aime”
Et m’endormir avec mes joies
Mourir pour toi

(in página 255)

Nota: Este fado foi composto por Charles Aznavour, especialmente para Amália, no ano de 1957, no cume do sucesso de Amália em França e inspirado no “Ai, Mouraria”. O tema “Aïe Mourir Pour Toi” também foi gravado por Dalida. Segundo o próprio Aznavour, ofereceu esta cantiga a Amália, porque só ela poderia interpretar com a força dramática que esta triste cantiga com ares de fado precisava. Foi então que, em 1958, se editou o EP “*Amália chante en français*”. Ainda que não se tratasse de um fado, Amália canta tudo o que “lhe sabe a Fado” (in NERY, R. V., 2010: 60), isto é, todas as canções que, não obstante escritas noutras línguas, lhe suscitem o mesmo tom plangente, ou, nas palavras de

Rui Vieira Nery, “o mesmo canto magoado, a mesma tenção dramática, a mesma entrega emocional” (*idem, ibidem*). Segundo este musicólogo, “para Amália, decididamente, onde haja um ‘Ai’ há sempre Fado” (*ibidem*: 200).

A referência a este fado na página 255 serviu para revelar a versatilidade de Amália e do próprio Fado, pela capacidade de se adaptar(em) a novos e diferentes contextos espaciais, e a múltiplas línguas. Essa é, no fundo, a reinvenção do Fado fora de portas, procurando abolir as fronteiras geográficas, numa vontade de desterritorialização sem perder a sua identidade.

3. “Bairro Alto”

Autor da Letra: Carlos Simões Neves

Autor da Música: Nuno Aguiar

Intérprete: Carlos do Carmo

Bairro Alto aos seus amores tão delicado
Quis um dia dar nas vistas
E saiu com os trovadores mais o fado
P’ra fazer suas conquistas

Tangem as liras singelas,
Lisboa abriu as janelas,
Acordou em sobressalto
Gritaram bairros à toa
Silêncio velha Lisboa,
Vai cantar o Bairro Alto

Trovas antigas, saudade louca
Andam cantigas a bailar de boca em boca
Tristes bizarras em comunhão
Andam guitarras a gemer de mão em mão

Por isso é que mereceu fama de boémio
Por seu condão fatalista
Atiraram-lhe com a lama como prédio
Por ser nobre e ser fadista

Hoje saudoso e velhinho,
Recordando com carinho
Seus amores suas paixões
P’ra cumprir a sina sua
Ainda veio p’ró meio da rua
Cantar as suas canções.

(in página 204)

Nota: Este fado foi cantado inicialmente pelo seu autor, Nuno de Aguiar, que, na década de 60 do século XX, se profissionalizou como fadista e integrou o elenco do *Retiro da Severa* e, mais tarde, da casa de fados *O Faia*, a convite de Lucília do Carmo.

Carlos do Carmo interpreta também este fado (tendo o contributo de Francisco Carvalhinho, na música), que inclui no *single* e EP intitulado *Vim para o Fado*, gravado em 1973. Mencionamos este fado no capítulo 5.3. *Fado Lisboeta*, por se tratar de um bairro de Lisboa tradicionalmente ligado ao Fado e à existência de Casas de Fado.

4. “Barco Negro”

Autores da Música: Piratini e Caco Velho

Autor da Letra: David Mourão-Ferreira

Intérprete: Amália Rodrigues

De manhã, que medo, que me achasses feia!
Acordei, tremendo, deitada n'areia
Mas logo os teus olhos disseram que não,
E o sol penetrou no meu coração. [Bis]

Vi depois, numa rocha, uma cruz,
E o teu Barco Negro dançava na luz
Vi teu braço acenando, entre as velas já soltas
Dizem as velhas da praia, que não voltas:

São loucas! São loucas!

Eu sei, meu amor,
Que nem chegaste a partir,
Pois tudo, em meu redor,
Me diz qu'estás sempre comigo. [Bis]
No vento que lança areia nos vidros;
Na água que canta, no fogo mortício;
No calor do leito, nos bancos vazios;
Dentro do meu peito, estás sempre comigo.

(in página 184)

Nota: Amália Rodrigues tornou esta música mundialmente famosa. Este texto, da autoria de David Mourão-Ferreira, substituiu o original brasileiro “Mãe Preta”. No texto português, a tragédia do pescador substituiu a tragédia da exploração e do racismo, que tinha impedido a sua divulgação em Portugal, durante o período do Estado Novo.

A primeira cantora a gravar “Barco Negro” foi a portuguesa Maria da Conceição, no início dos anos 50, embora com o título original, “Mãe Preta”. Porém, foi Amália Rodrigues a transformá-lo num dos fados mais conhecidos de todos os tempos, no tema do filme “Os Amantes do Tejo” (“*Les Amants du Tage*”), em 1955. Dado o estrondoso sucesso deste fado, o empresário do *Olympia*, em Paris, convidou Amália para atuar, no ano seguinte, pela primeira vez, naquela sala de espetáculos. Assim, em 1956, Amália estreia-se no *Olympia*, com este fado, acompanhada por Domingos Camarinha (guitarra) e por Santos Moreira (viola). “Barco Negro” foi gravado por Ney Matogrosso¹, em 1975, e, mais

¹ Esta hiperligação remete para videoclip de Ney Matogrosso, “Barco Negro” – “Mãe Preta” (Água do Céu Pássaro), gravado em 1975. Em 2002, este fado integrou a banda sonora de uma telenovela brasileira – “O Quinto dos Infernos”.

recentemente, por Mariza². O fado “Mãe Preta” foi também gravado por Dulce Pontes³, num dos seus mais notáveis discos.

A referência a este fado na página 184 prende-se com o facto de se discutir a eventual ascendência do *lundum* sobre o Fado, pela ligação das primeiras músicas ao mar ou às terras de além-mar, local de onde provinham os escravos.

² Esta hiperligação remete para o concerto de Mariza ao vivo, em Londres, em 2003.

³ Esta hiperligação remete para o videoclip de Dulce Pontes.

5. “*Biografia do Fado*”

Autor da Letra: Frederico de Brito
Autor da Música: Frederico de Brito
Intérprete: Carlos Ramos

Perguntam-me p’lo Fado
Eu conheci-o
Era um ébrio, era um vadio
Que andava na Mouraria
Talvez ‘inda mais magro que um cão galgo
E a dizer que era fidalgo
Por andar com a fidalguia.

O pai era um enjeitado
Que até andou embarcado
Nas caravelas do Gama
Um mal andrajado e sujo
Mais gingão do que um marujo
Dos velhos becos de Alfama.

Pois eu
Sei bem onde ele nasceu
Que não passou de um plebeu
Sempre a puxar p’rá vaidade
Sei mais:
Sei que o Fado é um dos tais
Que não conheceu os pais
Nem tem certidão de idade.

Perguntam-me por ele
Eu conheci-o
Num perfeito desvario
Sempre amigo da balbúrdia;
Entrava na Moirama a horas mortas
Ia abrir as meias portas
Era o rei daquela estúrdia

Foi às esperas de gado,
Foi cavaleiro afamado,
Era o delírio no entrudo!
Naquela vida agitada,
Ele, que veio do nada,
Não tendo nada era tudo

Pois eu
Sei bem onde ele nasceu,
Que não passou de um plebeu
Sempre a puxar p’ra vaidade.
Sei mais:

Sei que o Fado é um dos tais
Que não conheceu os pais
Nem tem certidão de idade.

(in página 198)

Nota: Este fado tornou-se conhecido pela voz de Carlos Ramos (na década de 60), embora integre também os repertórios de outros fadistas, como, por exemplo, Rodrigo e João Braga.

Inserimos este fado no capítulo 5.2. *O Fado – origem histórica* porque, nesse capítulo, exploramos as várias hipóteses acerca do nascimento desta canção nacional e, nesta letra em particular, várias são as expressões que possibilitam entender o Fado como tendo nascido inesperadamente, sem intenção, mas cuja existência se torna imprescindível para o conhecimento do nosso país.

6. “Calçada à Portuguesa”

Autor da Letra: José Luís Tinoco

Autor da Música: Ivan Lins e José Luís Tinoco

Intérprete: Carlos do Carmo

Acendem-se os olhos do dia
Um sol feito de água e janelas
Na rua e nas praças
Na cal e nas pedras
No cais que abrigou caravelas

Do alto das tuas muralhas
É todo o teu corpo que eu vejo
Vestido de claro
De azul e gaivotas
E os olhos no espelho do Tejo

Ai céu que encandeia os meus olhos
Ai estrelas nos olhos do dia
Ai margens que nos contam histórias
Do mar que ninguém conhecia

Ai naus de aventura
Com anjos na proa
Nos portos
Da minha alegria

No chão feito de preto e branco
Da calçada à portuguesa
Demoro o olhar
E escrevo o teu nome
De dona do mar e princesa

Do alto das ruas muralhas
É todo o teu corpo que eu vejo
Vestido de claro
De azul e gaivotas
E os olhos no espelho do Tejo

Ai céu que encandeia os meus olhos
Ai estrelas nos olhos do dia
Ai margens que nos contam histórias
Do mar que ninguém conhecia

Ai nau de aventura
Com anjos na proa
É assim que eu te vejo
Lisboa.

(in página 208)

Nota: Este fado pertence ao repertório de Carlos do Carmo, do seu álbum *Margens* (1996, EMI) reeditado em 2012, para a Universal. Também é cantado por Cristina Branco. A sua inserção no capítulo 5.3 *O Fado lisboeta* é justificada pela transfiguração da cidade numa figura feminina, atribuindo-lhe características dignas de menção e de serem versadas através do Fado.

7. “Canção do Mar”

Autor da Letra: Frederico de Brito

Autor da Música: Ferrer Trindade

Intérprete: Amália Rodrigues

Fui bailar no meu batel
Além do mar cruel
E o mar bramindo
Diz que eu fui roubar
A luz sem par
Do teu olhar tão lindo.

Vem saber se o mar terá razão;
Vem cá ver bailar meu coração.

Se eu bailar no meu batel
Não vou ao mar cruel
E nem lhe digo aonde eu fui cantar,
Sorrir, bailar, viver, sonhar contigo.

Vem saber se o mar terá razão;
Vem cá ver bailar meu coração.

Se eu bailar no meu batel
Não vou ao mar cruel
E nem lhe digo aonde eu fui cantar,
Sorrir, bailar, viver, sonhar contigo.

(in página 193)

Nota: Esta música foi gravada em 1955, sob o título “Solidão”, no filme *Os Amantes do Tejo*, apesar de se ter tornado conhecida do público português e mundial pela voz de Dulce Pontes, em 1993, no seu álbum *Lágrimas*, como um dos maiores êxitos da canção portuguesa de sempre.

No entanto, esta canção ultrapassou as fronteiras portuguesas, e tornou-se conhecida, por integrar a banda sonora de filmes americanos como “A Raiz do Medo” (título inglês – “Primal Fear no qual Richard Gere (que quis pessoalmente que esta música fosse incluída) contracenava com Edward Norton, e “Atlantis: O Continente Perdido” (título inglês – “Atlantis: The Lost Empire”), da Disney.

Outras artistas internacionais também se renderam a esta música, cantando as suas próprias versões em outras línguas, tal como: Hélène Ségara (“Elle, tu l'aimes, 2000, com o videoclip filmado no Alentejo), Chenoa (“Oye, Mar, 2002) e Sarah Brightman (“Harem, 2003).

Mais recentemente, duas cantoras russas (Pelageya & Elmira Kalimulina) celebrizaram esta canção num espetáculo televisivo de surpreendente qualidade (vide: https://youtu.be/0evioUE_KGU, acedido em junho de 2015).

A referência a este fado no capítulo 5.2. *O Fado: origem histórica*, no item C) *Mar* ajuda-nos a compreender de que modo o mar se constitui como um hipotético berço do Fado, porquanto, como afirma Pinto de Carvalho, “o fado tem uma origem marítima, origem que se lhe vislumbra no seu ritmo onduloso como os movimentos cadenciados da vaga [...]” (CARVALHO, P. de, 2003 [1903]: 42).

8. “Canoas do Tejo”

Autor da Letra: Carlos do Carmo

Autor da Música: Frederico de Brito

Intérprete: Carlos do Carmo

Canoa de vela erguida,
Que vens do Cais da Ribeira,
Gaivota que anda perdida,
Sem encontrar companheira.

O vento sopra nas fragas,
O sol parece um morango,
E o Tejo baila com as vagas,
A ensaiar um fandango.

Canoa, conheces bem,
Quando há norte pela proa,
Quantas docas tem Lisboa,
E as muralhas que ela tem.

Canoa, por onde vens?
Se algum barco te abalroa,
Nunca mais voltas ao cais,
Nunca, nunca, nunca mais.

Canoa, de vela panda,
Que vens da boca da barra,
E trazes na aragem branda,
Gemidos de uma guitarra.

Teu arrais prendeu a vela,
E se adormeceu, deixá-lo,
Agora, muita cautela,
Não vá o mar acordá-lo.

Canoa, conheces bem,
Quando há norte pela proa,
Quantas docas tem Lisboa,
E as muralhas que ela tem.

Canoa, por onde vens?
Se algum barco te abalroa,
Nunca mais voltas ao cais,
Nunca, nunca, nunca mais.

Canoa, conheces bem,
Quando há norte pela proa,
Quantas docas tem Lisboa,
E as muralhas que ela tem.

Canoa, por onde vens?
Se algum barco te abalroa,
Nunca mais voltas ao cais,
Nunca, nunca, nunca mais.

(in página 209)

Nota: Inserimos este fado no capítulo 5.3 *O Fado lisboeta*, dada a íntima ligação da cidade com o Rio Tejo e a predileção do seu cantor por Lisboa. Associamos, por isso, o espaço à designação de “Fado Lisboeta”. Este poema foi gravado por Carlos do Carmo, em 1973, para a Tecla. Integra, ainda, o álbum do mesmo fadista, intitulado *Carlos do Carmo com a Orquestra de Jorge Costa Pinto* (1972, Tecla), com reedição sob o título ‘Canoas do Tejo’: (1998, Movieplay), e também conta com uma reedição sob o título ‘Canoas do Tejo’ (2013, Universal).

9. “Canzone Per Te”

Autor da Letra: Sergio Bardotti e L. Bandotti

Autor da Música: Luis Bacalov

Intérprete: Amália Rodrigues

La festa appena cominciata
É già finita
Il cielo non é più con noi
Il nostro amore era l'invidia di chi é solo
Era il mio orgoglio la tua alegria

É stato tanto grande ormai
Non sa morire
Per questo canto e canto te
La solitudine che tu mi hai regalatto
Io la coltivo come un fiore

Chisà se finirà
Se un nuovo sogno
La mia mano prenderà
Se a un'altra io deró
Le cose che dicevo a te

Ma oggi devo dire che
Ti voglio bene
Per questo canto e canto te

É stato tanto grande ormai
Non as morire
Per questo canto e canto te

Chisà se finirà
Se un nuovo sogno
La mia mano prenderà
Se a un'altro io diró
Le cose che dicevo a te

Ma oggi devo dire che
Ti voglio bene
Per questo canto e canto te

É stato tanto grande ormai
Non as morire
Per questo canto e canto te

Ma oggi devo dire che
Ti voglio bene
Per questo canto e canto te

(in página 255)

Nota: Este fado integra o LP de Amália *Vou Dar de Beber à Dor* editado em 1968, estabelecendo o recorde absoluto de vendas em Portugal. Amália foi acompanhada à guitarra portuguesa por Domingos Camarinha e pelo conjunto de guitarras de Raul Nery, e à viola por Castro Mota. O disco foi gravado nos estúdios Valentim de Carvalho de Paço d'Arcos.

No mesmo ano, Sérgio Endrigo venceu como compositor o Festival da Canção de San Remo (Itália) com esta canção, interpretada também pelo convidado Roberto Carlos.

Mesmo tratando-se de um fado escrito numa outra língua que não a língua portuguesa, concordamos com Nery, quando afirma que na voz de Amália, “todas estas canções se tornam outros tantos fados, que sem terem nascido na Mouraria acabam através de si por deixar transparecer a dimensão universal essencial da própria identidade portuguesa” (NERY, R. V., 2010: 60).

Incluímos este fado no capítulo 5.6. *O Fado no início do século XXI* para, mais uma vez, sublinharmos a difusão do Fado para todo o mundo, desde o início do século XX, ainda que nele permaneça um vínculo indissociável da sua génese portuguesa.

10. “*Com que Voz*”

Autor da Letra: Luís Vaz de Camões

Autor da Música: Alain Oulman

Intérprete: Amália Rodrigues

Com que voz chorarei meu triste fado,
que em tão dura paixão me sepultou.
que mor não seja a dor que me deixou
o tempo, de meu bem desenganado.

Mas chorar não se estima neste estado
aonde suspirar nunca aproveitou.
triste quero viver, pois se mudou
em tristeza a alegria do passado.

Assim a vida passo descontente,
ao som nesta prisão do grilhão duro
que lastima ao pé que a sofre e sente.

De tanto mal, a causa é amor puro,
devido a quem de mim tenho ausente,
por quem a vida e bens dele aventuro.

(in página 249)

Nota: Este fado, tendo por base o soneto camoniano com o mesmo título, integra o álbum chamado *Com Que Voz* (faixa 4), o qual foi gravado em duas noites (7 e 8 de janeiro de 1969), mas só seria editado em março de 1970.

Considerado por muitos como a obra-prima absoluta de Amália, *Com que Voz* conta com doze composições originais de Alain Oulman sobre poetas clássicos (Camões) ou contemporâneos (David Mourão-Ferreira, Manuel Alegre, Alexandre O'Neill). Amália foi acompanhada à guitarra por Raul Nery e por Fontes Rocha, e à viola por Júlio Gomes, e no Baixo, por Joel Pina.

O disco recebeu em Itália o “IX Prémio della critica discografia italiana”. Em França, foi nomeado no Palmarés du Grand Prix du disque 1975 - *Grand Prix de La Ville de Paris*. Foi um dos três discos de Amália selecionados pelo jornal *Público* aquando da escolha dos melhores discos portugueses. A revista *Blitz* também o incluiu na lista dos melhores discos da década de 1970. Em 2010, foi reeditado em edição especial, acompanhado por um ‘booklet’ de 88 páginas e um CD bónus⁴.

Incluímos este fado no capítulo 5.5. *O Fado no século XX*, permitindo, deste modo, perceber a expressão literária que a canção nacional obteve, pela voz de Amália, sendo esta influenciada por Alain Oulman, músico dotado de uma profunda sensibilidade e um apaixonado pela poesia de Camões.

⁴ (in: <http://www.portaldofado.net/content/view/2265/233/>, acedido em junho de 2015).

11. “*Do vale à montanha*”

Autor da Letra: Fernando Pessoa

Autor da Música: Mário Pacheco

Intérprete: Mariza

Do vale à montanha,
Da montanha ao monte,
Cavalo de sombra,
Cavaleiro monge,
Por casas, por prados,
Por quintas, por fonte,
Caminhais aliados.

Do vale à montanha,
Da montanha ao monte,
Cavalo de sombra,
Cavaleiro monge,
Por penhascos pretos,
Atrás e defronte,
Caminhais secretos.

Do vale à montanha,
Da montanha ao monte,
Cavalo de sombra,
Cavaleiro monge,
Por plainos desertos
Sem ter horizontes,
Caminhais libertos.

Do vale à montanha,
Da montanha ao monte,
Cavalo de sombra,
Cavaleiro monge,
Por ínvios caminhos,
Por rios sem ponte,
Caminhais sozinhos.

Do vale à montanha,
Da montanha ao monte
Cavalo de sombra,
Cavaleiro monge,
Por quanto é sem fim,
Sem ninguém que o conte,
Caminhais em mim.

(*in* página 256)

24-10-1932

Poesias. Fernando Pessoa. (Nota explicativa de João Gaspar Simões e Luiz de Montalvor.) Lisboa: Ática, 1942 (15ª ed. 1995).

Nota: Este fado, conhecido como “Cavaleiro Monge”, integra o segundo álbum de Mariza, intitulado *Fado Curvo*, gravado em 2003. Tendo por base o poema de Fernando Pessoa “Do vale à montanha” (poema esotérico e iniciático de Pessoa, datado da fase mais tardia da sua produção literária, em 1932, e inserido no *Cancioneiro*), este fado fora gravado por Amália, com vista a integrar um dos seus álbuns, mas a sua morte impediu que tal acontecesse. Mário Pacheco (compositor e guitarrista) entregou-o, posteriormente, a Mariza.

No capítulo 5.6. *O Fado no início do século XXI*, procurámos expor a vivência do Fado no nosso tempo atual, referindo os poemas e respetivos intérpretes que impedem que este género musical caia no esquecimento ou se esboroe no tempo.

12. “Erros Meus, Má Fortuna, Amor Ardente”

Autor da Letra: Luís Vaz de Camões

Autor da Música: Alain Oulman

Intérprete: Amália Rodrigues

Erros meus, má Fortuna, Amor ardente
Em minha perdição se conjuraram;
Os erros e a Fortuna sobejaram,
Que para mim bastava Amor somente.

Tudo passei; mas tenho tão presente
A grande dor das cousas que passaram,
Que as magoadas iras me ensinaram
A não querer já nunca ser contente.

Errei todo o discurso de meus anos;
Dei causa a que a Fortuna castigasse
As minhas mal fundadas esperanças.

De Amor não vi senão breves enganos.
Oh! Quem tanto pudesse, que fartasse
Este meu duro Génio de vinganças!

(in página 260)

Nota: Este fado integra o EP *Amália Canta Luís de Camões*, de 1965. O jornal *Diário Popular*, de 23 de outubro de 1965, interroga várias figuras públicas acerca da legitimidade das interpretações de Amália, por se tratar de um poeta como Camões, colocando a seguinte questão: “*Amália canta Camões: acha bem? Acha mal?*” Alexandre O’Neill expressou a seguinte opinião a esse respeito: “*Isolar um génio na sua própria glória, torná-lo prisioneiro da sua própria complexidade, matá-lo aos poucos no hospital dos gramáticos ou na sonolência das sessões solenes é prática das sociedades basbaques. A dor, a alegria, o enlevo amoroso, a consideração melancólica do irremediável destino de cada um de nós encontraram em Camões expressão universal. Ninguém tem o exclusivo destes sentimentos e estados de alma nem da sua expressão artística. Por isso eu acho óptimo o encontro de Camões-o-culto com Amália-a-fadista, para escândalo de certa bem-pensância e prazer dos que entendem que um poeta não é para sobreviver em pedra nem uma fadista em navalha de ponta e mola.*” (SANTOS, V. P. dos, 2014: 614). Também o jornalista Urbano Tavares Rodrigues se mostrou favorável, afirmando que “*Camões é um grande poeta, Amália uma grande fadista. Completam-se. Não acho ridículo nem sequer snob. É o que pode chamar-se a ligação de dois grandes. Aliás, Amália vai muito ao estrangeiro. Cantar Camões lá fora é um acto patriótico.*” (idem, *ibidem*).

Por outro lado, José Cardoso Pires afirmava: “*Se for bem cantado, não acho mal. Mas é possível gostar-se ao mesmo tempo, da cantiga da boa gente e de Luís de Camões? A demagogia barata daquelas e de outras letras cabem no mesmo paladar de um soneto de primeira grandeza? Um texto musical, mesmo da qualidade dos de Alain Oulman, não suporta vícios de voz — penso eu.*”

Também surgiram respostas, expressando o ponto de vista de outros cantores de Fado, como o de Maria Teresa de Noronha, que disse: “*Mal não acho. Amália pode cantar tudo.*”

Só não concordo que saia do fado. [...] Amália pode cantar tudo — até Camões. Eu não o faria; acho que não é isso o fado. Mas como ela tem cantado tantas coisas...” (ibidem: 614-615).

A própria Amália respondeu assim: *“Eu não sei. Camões é que devia achar mal. Cantei os versos — porque gostei deles! Os versos que os poetas escrevem são para ser cantados e conhecidos. Os poetas pertencem ao povo: eu sou do povo!” (ibidem: 615).*

13. “Fado Amália ”

Autor da Letra: José Galhardo

Autor da Música: Frederico Valério

Intérprete: Amália Rodrigues

Amália
quis Deus que fosse o meu nome
Amália
acho-lhe um jeito engraçado
bem nosso e popular
quando oiço alguém gritar
Amália
canta-me o fado

Amália
esta palavra ensinou-me
Amália
tu tens na vida que amar
são ordens do Senhor
Amália sem amor
não liga, tens de gostar
e como até morrer
amar é padecer
Amália chora a cantar!

Amália
disse-me alguém com ternura
Amália
da mais bonita maneira
e eu toda coração
julguei ouvir então
Amália p’la vez primeira

Amália
andas agora à procura
Amália
daquele amor mas sem fé
alguém já mo tirou
alguém o encontrou
na rua com a outra ao pé
e a quem lhe fala em mim
já só responde assim
Amália? Não sei quem é!

(in página 241)

Nota: Gravado em 1951-52, este fado é, na opinião de Vítor Pavão dos Santos, “uma música de uma beleza que parece tudo arrastar com ela, que na sua avassaladora força renasce tão imortal como a própria Amália, que se sente tem gosto em cantar o seu nome,

uma letra com uma primeira parte notável, jogando com o nome Amália de uma forma muito bela, muito imaginativa, criando na música a medida exacta do que lhe é pedido, um testemunho de uma época, de uma vida, de uma voz que se transcende” (SANTOS, V. P. dos, 2014: 178-179).

Este fado integra o disco de 78 rpm, intitulado *Não Sei Porque te Foste Embora*, da Melodia (Editora).

A referência feita a este fado, na página 241, permite estabelecer uma associação entre este e outros dois fados, o “Fado do Ciúme” e “Ai Mouraria”, que partilhavam uma característica comum, a existência de uma melodia própria, também designados por fados orquestrados.

14. “Fado da Saudade”

Autor da Letra: Fernando Pinto do Amaral

Autor da Música: Popular*

Intérprete: Carlos do Carmo

Cai a noite na cidade, que me encanta
Na minha velha Lisboa, de outra vida
E com um nó de saudade, na garganta
Escuto um fado que se entoa, à despedida
E com um nó de saudade, na garganta
Escuto um fado que se entoa, à despedida

Foi nas tabernas de Alfama, em hora triste
Que nasceu esta canção, o seu lamento
Na memória dos que vão, tal como o vento
O olhar de quem se ama e não desiste
Na memória dos que vão, tal como o vento
O olhar de quem se ama e não desiste

Quando brilha a antiga chama, ou sentimento
Iço este mar que ressoa, enquanto canta
E da Bica à Madragoa, num momento
Volta sempre esta ansiedade, da partida
Nasce o dia na cidade, que me encanta
Na minha velha Lisboa, de outra vida

Quem vive só do passado, sem motivo
Fica preso a um destino, que o invade
Mas na alma deste fado, sempre vivo
Cresce um canto cristalino, sem idade
Mas na alma deste fado, sempre vivo
Cresce um canto cristalino, sem idade

É por isso que imagino, em liberdade
Uma gaivota que voa, renascida
E já nada me magoa, ou desencanta
Nas ruas desta cidade amanhecida
Mas com um nó de saudade na garganta
Escuto um fado que se entoa, à despedida.

(in página 253)

Nota: Este fado foi composto especialmente para integrar a banda sonora do filme *Fados*, de Carlos Saura, em 2007. Recebeu o Prémio Goya, em 2008, como a Melhor Canção Original. Também faz parte do álbum *Fado Maestro* (2008, Universal).

*Por outro lado, existem vozes discordantes, como a do investigador Vítor Duarte, neto de Alfredo Marceneiro, que reivindicou para o seu avô a autoria e cobrança dos respetivos direitos do “Fado da Saudade” e pôs em causa a distinção do Prémio Goya. Segundo Vítor

Marceneiro, «o “Fado da Saudade” é um Fado Menor em versículo, cuja autoria é de Alfredo Marceneiro, data de 1928 e o seu registo foi reconfirmado pela SPA em 1967»⁵. Porém, para o maestro Pedro Osório, “Este fado, bem como outros fados tradicionais, não tem uma melodia fixa, pelo que o intérprete improvisa ou planeia a melodia que vai utilizar”, como o mesmo explica em nota enviada à Lusa e aos produtores do filme *Fados*.

⁵ Informação recolhida no Portal do Museu do Fado, in <http://www.portaldofado.net/content/view/697/67/>, acedido em junho de 2015.

15. “*Fado da Severa*”

Autor da Letra: Sousa do Casacão
Autor da Música: Sousa do Casacão
Intérprete: Catarina Moura

Chorai, fadistas, chorai,
Que uma fadista morreu,
Hoje mesmo faz um ano
Que a Severa faleceu.

Morreu, já faz hoje um ano,
Das fadistas a rainha,
Com ela o fado perdeu,
O gosto que o fado tinha.

O Conde de Vimioso
Um duro golpe sofreu,
Quando lhe foram dizer:
Tua Severa morreu!

Corre à sua sepultura,
O seu corpo ainda vê:
Adeus oh! Minha Severa,
Boa sorte Deus te dê!

Lá nesse reino celeste
Com tua banza na mão,
Farás dos anjos fadistas,
Porás tudo em confusão.

Até o próprio S. Pedro,
À porta do céu sentado,
Ao ver entrar a Severa
Bateu e cantou o fado.

Ponde nos braços da banza
Um sinal de negro fumo
Que diga por toda a parte:
O fado perdeu seu rumo.

Chorai, fadistas, chorai,
Que a Severa se finou.
O gosto que tinha o Fado,
Tudo com ela acabou.

(in página 230)

Nota: Datado de 1848, este fado está catalogado por Teófilo Braga na página 140 do *Cancioneiro Popular*, de 1867. Foi divulgado no filme “Fados”, de Carlos Saura, interpretado por Catarina Moura. Consideramos que seria importante a transcrição e

referência deste fado, no capítulo 5.4. *O Fado: de canção de bairro a canção nacional*, pois a Severa é apresentada como um elemento propagador do aburguesamento do Fado, pela interação que estabelecia entre os diferentes estratos sociais da capital. Por outro lado, o interesse crescente de toda a população portuguesa por este género musical deveu-se, em certa medida, à lenda dos amores entre a Severa e o Conde de Vimioso, que tinham nascido precisamente no contexto fadista.

16. “Fado das Caravelas”

Autor e Compositor: Estêvão da Silva Amarante

Intérprete: Márcia Condessa / Berta Cardoso

Quando foi das descobertas e conquistas,
Os fadistas, guitarristas
De mais fama
Lá no fundo do porão,
Deram alma e coração
Às descobertas do Gama.

No alto mar, ia o barco naufragar,
O vento rijo a soprar,
Que até os mastros levou.
Foi ao sentir uma guitarra a carpir,
Que o Neptuno querendo ouvir
A tempestade abrandou.

E nas horas d’incerteza,
à marinhagem deu coragem
Na miragem da vitória.
Cabe ao fado o seu quinhão,
De todo e qualquer padrão,
Dos que fala a nossa História.

No alto mar, quando em noites de luar,
O pensamento a pairar,
Na nossa aldeia natal.
Ai, era ver quanta lágrima a correr,
Na guitarra a descrever
Saudades de Portugal.

(in página 191)

Nota: Márcia Condessa cantou este fado, cujos autores eram identificados como sendo Arnaldo Leite / Heitor de Campos Monteiro – Fernando de Carvalho. Porém, sabe-se que este fado é do repertório de Berta Cardoso, o qual também foi denominado por “Fado do Marinheiro” ou, ainda, “Canção das Descobertas”, da autoria de João Nobre e Cordélio Oliveira.

Apesar da sua longa carreira, não existem quase registos discográficos de Márcia Condessa. Em formato CD, existe apenas uma edição conjunta com Adelina Ramos e Berta Cardoso, na coleção “Fados do Fado”, da Movieplay. Aqui, surgem reeditados os quatro temas que a fadista gravou para a editora Alvorada em 1962: “Embuçado”, “Fado menor (quadras soltas)”, “Canção do Mar” e “Fado das Caravelas” (in site do Portal do Museu do Fado: <http://www.museudofado.pt/personalidades/detalhes.php?id=250>, acedido em junho de 2015).

Achámos pertinente a referência a este fado, no capítulo 5.2. *O Fado – origem histórica*, mais concretamente no item *c) O Mar*, por razões óbvias de origem semântica com o título e o tema desta poesia.

17. “O Fado de Ser Fadista”

Autor da Letra: Artur Ribeiro
Autor da Música: Artur Ribeiro
Intérprete: Joana Amendoeira

Fado é destino marcado,
Fado é perdão ou castigo,
A própria vida é um fado,
Que o coração traz consigo.

Seja canção fatalista,
Ou prece de quem sofreu,
O fado de ser Fadista
É sina que Deus me deu

Refrão:

Fado é ternura,
Fado é dor,
Fado é tristeza,
Fado é como que uma reza,
De quem sofre ou é feliz.

Fado é loucura,
É saudade, é incerteza,
E é a bem mais Portuguesa
Das canções do meu País.

Fado é tudo o que acontece,
Quando se ri ou se chora,
Quando se lembra ou se esquece,
Quando se odeia ou se adora.

É ter um jeito de artista,
P’ra moldar ao fado a voz,
E o fado de ser Fadista
A morar dentro de nós.

(in páginas 262-263)

Nota: Este fado conta com uma gravação do fadista Alcindo de Carvalho⁶ cuja antologia de fados (1969-1979) com o mesmo nome (*O Fado de Ser Fadista*) foi reeditada em 2004. Integra, também, o álbum *Fado Antologia*, de Joana Amendoeira, editado em Lisboa, no ano 2000. Joana Amendoeira é acompanhada por Pedro Amendoeira e Nelson Aleixo. “O

⁶ “Alcindo Simões de Carvalho (9 janeiro, 1932 – 6 dezembro, 2010) nasceu a 9 de janeiro de 1932, em Lisboa, na Rua da Rosa, localizada no emblemático e castiço Bairro Alto. Aqui, Alcindo de Carvalho cresceu junto do seu pai, alfaiate de profissão e amante do fado, e dos seus cinco irmãos, entre os quais a guitarra e a viola marcavam presença em pequenos concertos familiares onde se tocava e cantava o fado” (in: <http://www.museudofado.pt/personalidades/detalhes.php?id=259>, acedido em junho de 2015).

seu percurso conta com oito discos editados e várias participações em compilações especiais de Fado, nacionais e internacionais, assim como vários prémios (entre eles, o de *Melhor Disco de Fado 2008*, atribuído pela Fundação Amália Rodrigues); foi seleccionada para se apresentar em diversas Feiras de *World Music*, como o *Merçat de Musica Viva de Vic 2003* (Espanha) e a *Strictly Mundial 2005* (Canadá), e teve a oportunidade de fazer digressões por diversos países como Espanha, Itália, Hungria, Lituânia, Suécia, Brasil, Argentina, EUA, Índia e Japão. Joana Amendoeira defende com orgulho o legado do Fado sem se esquecer da sua própria expressão artística.”⁷

⁷ In: <http://www.joanaamendoeira.pt/bio.php?l=pt>, acedido em junho de 2015.

18. “*Fado do Bairro Alto*”

Autor da Letra: Avelino de Sousa

Autor da Música: Alves Coelho

Intérprete: Aldina de Sousa

É o fado nacional
A canção mais portuguesa,
Que nos fala ao coração
E que tem em Portugal
A graça, o encanto, a beleza,
Da mais sagrada oração!

Do Alto Longo ao Camões,
Atravessa-se num salto!
Mas tão curtas dimensões
Guardam sempre as tradições
Do meu velho Bairro Alto!

Refrão

Quando chega a procissão
Dos Passos, no seu andor,
Todo o bairro vai então
Confirmar a devoção,
Beijar o pé ao Senhor!

O Bairro Alto vale mais que a Mouraria,
Onde a Severa vivia
E só por isso tem fama!...
O Bairro Alto,
Mais fidalgo e mais artista,
É mil vezes mais fadista
Até do que a própria Alfama.

(in página 203)

Nota: Cantado na *Opereta Bairro Alto*, em 1927, com a colaboração de Wenceslau Pinto, Alves Coelho, Raul Portela, Avelino de Sousa.

19. “Fado do Ciúme”

Autor da Letra: Amadeu do Vale

Autor da Música: Frederico Valério

Intérprete: Amália Rodrigues

Se não esqueceste
O amor que me dedicaste,
E o que escreveste
Nas cartas que me mandaste,
Esquece o passado
E volta para meu lado,
Porque já estás perdoado
De tudo o que me chamaste.

Volta meu querido,
Mas volta como disseste,
Arrependido
De tudo o que me fizeste,
Haja o que houver
Já basta p’ra teu castigo
Essa mulher
Que andava agora contigo.

Se é contrafeito
Não voltes, toma cautela
Porque eu aceito
Que vivas antes com ela
Pois podes crer
Que antes prefiro morrer
Do que contigo viver
Sabendo que gostas dela.

Só o que eu te peço
É uma recordação,
Se é que mereço
Um pouco de compaixão,
Deixa ficar
O teu retrato comigo,
P’ra eu julgar
Que ainda vivo contigo.

(in página 241)

Nota: Este fado foi cantado em 1945, por Amália Rodrigues, acompanhada pela Orquestra de Guitarras de Fernando de Freitas. Em 1944, Amália estreou este fado na opereta *A Rosa Cantadeira*, em Lisboa. No ano seguinte, voltou a interpretá-lo no Brasil, na reposição da mesma opereta. Ao longo de toda a sua carreira, Amália cantaria este fado inúmeras vezes, incluindo-o, inclusivamente, no álbum *Amália Volta a Cantar Frederico Valério*, de 1982. Foi regravado pela voz de Mísia, em 2013, integrando o seu último álbum intitulado: “Delikatessen - Café Concerto”.

20. “O Fado dos Azulejos”

Autor da Letra: José Carlos Ary dos Santos

Autor da Música: Martinho de Assunção

Intérprete: Carlos do Carmo

Azulejos da cidade,
Numa parede ou num banco,
São ladrilhos da saudade
Vestida de azul e branco.

Bocados da minha vida,
Todos vidrados de mágoa,
Azulejos, despedida
dos meus olhos, rasos de água.

À flor dum azulejo, uma menina;
Do outro, um cão que ladra e um pastor.
Ai, moldura pequenina,
Que és a banda desenhada
Nas paredes do amor.

Azulejos desbotados
por quanto viram chorar.
Azulejos tão cansados
por quantos viram passar.

Podem dizer-vos que não,
Podem querer-vos maltratar:
De dentro do coração
Ninguém vos pode arrancar.

À flor dum azulejo, um passarinho,
Um cravo e um cavalo de brincar;
Um coração com um espinho,
Uma flor de azevinho
E uma cor azul luar.

À flor do azulejo, a cor do Tejo
E um barco antigo, ainda por largar.
Distância que já não vejo,
E enche Lisboa de infância,
E enche Lisboa de mar.

(in página 261)

Nota: Este fado integra o álbum de Carlos do Carmo intitulado *Um Homem na Cidade* (1977), que é considerado como a sua grande obra-prima discográfica. Como o próprio reconhece, trata-se de um álbum conceptual sobre a cidade de Lisboa, inteiramente com poemas de José Carlos Ary dos Santos. A execução instrumental esteve a cargo de Raul Nery (1.^a guitarra), António Chaínho (2.^a guitarra), Martinho da Assunção (viola) e José Maria Nóbrega (viola baixo).

21. “Fado do Marinheiro”

Autor da Letra: João Nobre / Cordélio de Oliveira

Autor da Música: João Nobre / Cordélio de Oliveira

Intérprete: Berta Cardoso

Há na praia olhos chorando,
No mar gente decidida,
Lenços brancos acenando
Num adeus de despedida.

É o Infante de Sagres
Que os manda partir, ligeiros,
Que a Senhora dos Milagres
Guie os nossos marinheiros.

Refrão:

Velas erguidas,
Naus decididas
Vão para o mar.
Saindo a barra
Uma guitarra
Põe-se a chorar,
São marinheiros,
Aventureiros,
Mais uma vez,
Que vão mostrar
Como este mar
É português.

Olhando o mar com desdém,
Ondas, ventos traiçoeiros...
Nada no mundo detém
Nossos bravos marinheiros!

Não há outro mais valente
Nem que valha o que ele vale,
Pois só ficará contente
Dando-o a Portugal.

São marinheiros,
Aventureiros,
Mais uma vez,
Por esse mar
Tão português.

(in página 190)

Nota: Este fado foi gravado para a Revista “Manda Ventarolas”, em 1941, interpretado por Berta Cardoso. Foi posteriormente gravado por Márcia Condessa e por Maria Clara. Todavia, o poema é, presumivelmente, de 1836, o mais antigo de que há conhecimento. Composto por lexemas aliados à semântica do mar, a letra deste fado reflete o espírito

aventureiro e corajoso do povo português, na sua epopeia dos Descobrimentos. Permiten-nos, ainda, fazer uma associação deste texto com o poema “Mar Português”, que Fernando Pessoa inseriu em *Mensagem*, ao nomear o mar como “português”. Por esta razão, integramos este fado no capítulo que dedicamos à importância do mar para a presumível origem portuguesa do Fado.

22. “Fado do Marinheiro”

Autor: Estêvão da Silva Amarante

O marujo criou fama.
Desde um tal Vasco da Gama
Que no mar foi o primeiro;
E o Pedro Álvares Cabral
Só foi grande em Portugal
Por ter sido marinheiro.

A lutar como um soldado,
Peito ao léu, rosto queimado,
Ao sol da terra africana,
Com a farda em desalinho,
(Foi às ordens de Mouzinho
Que deu caça ao Gungunhana!)

Quando o mar era um segredo,
Os antigos tinham medo
De perder-se ou ir a pique;
Só zombavam das porcelas
As primeiras caravelas
Do Infante Dom Henrique!

Fartos já de andar nos mares,
Também vamos pelos ares
Sem temor, abrir caminho;
Pois bem sabe toda a gente
Que o marujo mais valente
É o avô Gago Coutinho!

Nessa Alcântara afamada,
O marujo anda à pancada
E arma sempre espalhafato;
É que guarda na memória
O banzé que houve na história
Do António Prior do Crato.

Quando vai p'rá Fonte Santa
E dá largas à garganta,
P'la guitarra acompanhado.
Até chora o mundo inteiro,
Porque a voz do marinheiro
É a voz do próprio Fado!...

(in página 191)

Nota: Existe uma gravação datada de 1927 e pertencente a um disco de 78 rpm editado pela marca “Brunswick”, da “Valentim de Carvalho”, em que o ator Estêvão Amarante interpreta, à guitarra e à viola, dois fados da revista “Água Pé” de 1927, e este fado é um dos mais emblemáticos, com música de Raul Ferrão, sob versos de Irmãos Unidos. Este

fado foi recriado por Carlos Ramos no programa da RTP “Melodias de Sempre”, e regravado no EP “Carlos Ramos com Orquestra”. No texto deste fado, verifica-se uma referência às descobertas do século XX, como a travessia aérea do Oceano Atlântico por Sacadura Cabral e Gago Coutinho.

23. “Fado Fado”

Autor da Letra: Manuel Alegre

Autor da Música: João Braga

Intérprete: João Braga

Pode ser mágoa e lamento
Mas não é mal de raiz.
É rumor de mar e vento
Que só cantando se diz.

Fado fado que por dentro
Mais do que fado é país.

Pode ser fogo e paixão
Ou amor que se não vê.
Esse amor de perdição
Que dói sem saber porquê.

Pode ser fogo e paixão
Mas fatalismo não é.

Alegria descontente
Já Camões soube dizer
Que ser triste é ser contente
Não ser assim é morrer.

Não é tristeza é somente
Um certo modo de ser.

Nem má sorte nem má sina
Nem choradinho trinado.
O destino só destina
Quem já nasce conformado.

Fado nunca se resigna
Fado fado é outro fado.

(in página 171)

Nota: O autor da letra, Manuel Alegre, é um prestigiado poeta português contemporâneo, cuja vasta obra literária tem incidência na luta pela liberdade. Escreveu alguns poemas destinados especificamente ao Fado, como se exemplifica com esta letra, datada de 1997, para a BMG (*Bertelsmann Music Group* - empresa de distribuição musical) cuja composição musical ficou a cargo de João Braga, o qual tinha iniciado a compor as primeiras melodias, em 1984.

A razão pela qual iniciamos o capítulo 5.1- *O Fado: origem etimológica* com uma epígrafe contendo este fado deve-se ao facto de o mesmo estar associado à raiz etimológica de “*fatum*” (lat.), que significa “destino”, e por se verificarem associações semânticas a “sina”, “sorte”, “fatalismo” e “modo de ser”. Por outro lado, esta letra alude, também, para a matriz portuguesa do Fado, considerando-se que “por dentro/Mais do que fado é país.”

24. “Fado Português”

Autor da Letra: José Régio

Autor da Música: Alain Oulman

Intérprete: Amália Rodrigues

O Fado nasceu um dia,
Quando o vento mal bulia
E o céu o mar prolongava,
Na amurada dum veleiro,
No peito dum marinheiro
Que, estando triste, cantava,
Que, estando triste, cantava.

Ai, que lindeza tamanha,
Meu chão, meu monte, meu vale,
De folhas, flores, frutas de oiro,
Vê se vês terras de Espanha,
Areias de Portugal,
Olhar ceguinho de choro.

Na boca dum marinheiro
Do frágil barco veleiro,
Morrendo a canção magoada,
Diz o pungir dos desejos
Do lábio a queimar de beijos
Que beija o ar, e mais nada,
Que beija o ar, e mais nada.

Mãe, adeus. Adeus, Maria.
Guarda bem no teu sentido
Que aqui te faço uma jura:
Que ou te levo à sacristia,
Ou foi Deus que foi servido
Dar-me no mar sepultura.

Ora eis que embora outro dia,
Quando o vento nem bulia
E o céu o mar prolongava,
À proa de outro veleiro
Velava outro marinheiro
Que, estando triste, cantava,
Que, estando triste, cantava.

(in página 188)

Nota: Amália Rodrigues interpretou este poema de José Régio (escrito em 1941), integrado no seu disco com o mesmo nome (“Fado Português”), que foi editado em 1965, e gravado nos estúdios Valentim de Carvalho. Foi acompanhada à guitarra portuguesa por Domingos Camarinha e nas violas por Castro Mota e Martinho d'Assunção. Em 2009, este

fado foi regravado pelo Projeto *Hoje*, no álbum *Amália Hoje* (ocupando a faixa 1 deste disco).

Inserimos este fado no capítulo 5.2. *O Fado: origem histórica*, mais concretamente no item c) – *Mar*, pois uma das hipóteses que permitem garantir a origem portuguesa do Fado remete para a semântica do mar, tal como se constata pelo léxico usado neste poema de José Régio. Trata-se, sobretudo, de uma alusão à epopeia marítima dos navegadores quinhentistas.

25. “Fria Claridade”

Autor da Letra: Pedro Homem de Mello
Autor da Música: José Marques do Amaral
Intérprete: Amália Rodrigues

No meio da claridade,
Daquele tão triste dia,
Grande, grande era a cidade,
E ninguém me conhecia!

Então passaram por mim
Dois olhos lindos, depois,
Julguei sonhar, vendo enfim,
Dois olhos, como há só dois?

Em todos os meus sentidos,
Tive presságios de Deus.
E aqueles olhos tão lindos
Afastaram-se dos meus!

Acordei, a claridade
Fez-se maior e mais fria.
Grande, grande era a cidade,
E ninguém me conhecia!

(in página 248)

Nota: Foi a própria Amália que encontrou este poema num livro de Pedro Homem de Mello e o adaptou à melodia de Marcha de José Marques do Amaral. Gravou-o em 1951, acompanhada à guitarra por Jaime Santos, e à viola por Santos Moreira. Na década de 60, regravou-o, no álbum intitulado *Fados 67*.

26. “Gaivota”

Autor da Letra: Alexandre O’Neill

Autor da Música: Alain Oulman

Intérprete: Amália Rodrigues

Se uma gaivota viesse
Trazer-me o céu de Lisboa
No desenho que fizesse,
Nesse céu onde o olhar
É uma asa que não voa,
Esmorece e cai no mar.

Que perfeito coração
No meu peito bateria,
Meu amor na tua mão,
Nessa mão onde cabia
Perfeito o meu coração.

Se um português marinheiro,
Dos sete mares andarilho,
Fosse quem sabe o primeiro
A contar-me o que inventasse,
Se um olhar de novo brilho
Ao meu olhar se enlaçasse.

Que perfeito coração
No meu peito bateria,
Meu amor na tua mão,
Nessa mão onde cabia
Perfeito o meu coração.

Se ao dizer adeus à vida
As aves todas do céu,
Me dessem na despedida
O teu olhar derradeiro,
Esse olhar que era só teu,
Amor que foste o primeiro.

Que perfeito coração
Morreria no meu peito,
Meu amor na tua mão,
Nessa mão onde perfeito
Bateu o meu coração.

(in páginas 248-249)

Nota: Amália cantou este fado ao vivo em Bucareste, no ano de 1969, e integra o disco *Com Que Voz* (faixa 7), datado de 1970.

De acordo com Vítor Pavão dos Santos, esta é considerada “a cantiga maior” de Alexandre O’Neill, que “nasceu de uma melodia que não largava Alain Oulman, sedutora como o voo

rasante de gaivota, para a qual O'Neill encontrou as palavras exactas" (SANTOS, V. P. dos, 2014: 683).

Carlos do Carmo (o cantor mais famoso de Lisboa) também gravou este fado, que ocupa a quinta faixa do seu álbum *Ao Vivo No CCB: Os Sucessos de 35 Anos de Carreira* (1999, EMI).

Este fado foi regravado, no ano de 2009 (uma década após o desaparecimento de Amália Rodrigues), pelo projeto de pop português *Hoje*, num álbum intitulado *Amália Hoje*. Este projeto é liderado pelo músico Nuno Gonçalves (*The Gift*), e conta com a colaboração de Fernando Ribeiro (*Moonspell*) e Paulo Praça (ex-*TurboJunkie e Plaza*). Este álbum foi editado pela La Folie e Valentim de Carvalho Multimédia, e é composto por fados de Amália Rodrigues com uma sonoridade pop atual. O *single* de lançamento foi o tema "Gaivota", interpretado por Sónia Tavares (*The Gift*).

27. “Há uma Música do Povo ”

Autor da Letra: Fernando Pessoa

Autor da Música: Mário Pacheco

Intérprete: Mariza

Há uma música do povo,
Nem sei dizer se é um fado
Que ouvindo-a há um ritmo novo
No ser que tenho guardado...

Ouvindo-a sou quem seria
Se desejar fosse ser...
É uma simples melodia
Das que se aprendem a viver...

E ouço-a embalado e sozinho...
É isso mesmo que eu quis ...
Perdi a fé e o caminho...
Quem não fui é que é feliz.

Mas é tão consoladora
A vaga e triste canção ...
Que a minha alma já não chora
Nem eu tenho coração ...

Sou uma emoção estrangeira,
Um erro de sonho ido...
Canto de qualquer maneira
E acabo com um sentido!

(in página 261)

9-11-1928

Poesias Inéditas (1919-1930). Fernando Pessoa. (Nota prévia de Vitorino Nemésio e notas de Jorge Nemésio.) Lisboa: Ática, 1956 (imp. 1990).

Nota: Este fado faz parte do álbum *Transparente*, de Mariza, e ficou conhecido no seu concerto ao vivo, nos jardins da Torre de Belém, em 2005.

28. “Lisboa de Vieira, Pessoa e Camões”

Autor da Letra: José Luís Gordo
Autor da Música: Arménio de Melo
Intérprete: Vanessa Alves

Das varandas e janelas
Dos telhados encarnados
E o Tejo cheio de estrelas
Nos olhos dos namorados
E no Chiado janota
Sentado na Brasileira
Lá está falando Pessoa
Do Padre António Vieira.

Refrão:

Olá, Lisboa!
Cidade das sete colinas
Do Camões e do Pessoa
De tantos nomes de proa
E das antigas varinas

Olá, Lisboa!
Dos poentes cor-de-rosa
Da sua Sé já velhinha
Tão perfeita e tão formosa
Cidade, mulher-rainha.

Dos amores e ilusões
Da saia augusta e garrida
Do terreiro de paixões
Da liberdade da vida
De espelhos feitos de mar
Senhora de Fado e saudade
Onde alfamas se penteiam
Seis letras nome cidade.

(in página 212)

Nota: Este fado foi utilizado como canção candidata ao concurso das Marchas de Lisboa, em 2008. Verifica-se, neste poema, uma preocupação com os referentes literários que ficaram na História de Portugal, mas cujas biografias se ligam à cidade luz, que é Lisboa, à saudade e ao Fado.

29. “Lisboa Menina e Moça”

Autor da Letra: José Carlos Ary dos Santos, Fernando Tordo e Joaquim Pessoa

Autor da Música: Paulo de Carvalho

Intérprete: Carlos do Carmo

No Castelo, ponho um cotovelo
Em Alfama, descanso o olhar
E assim desfaço o novelo, de azul e mar;
À Ribeira, encosto a cabeça
A almofada, na cama do Tejo
Com lençóis bordados à pressa
Na cambraia de um beijo.

REFRÃO:

Lisboa menina e moça, menina
Da luz que meus olhos veem tão pura,
Teus seios são as colinas, varina,
Pregão que me traz à porta, ternura.
Cidade a ponto luz bordada,
Toalha à beira mar estendida
Lisboa menina e moça, amada
Cidade mulher da minha vida.

No Terreiro, eu passo por ti,
Mas na Graça eu vejo-te nua
Quando um pombo te olha, sorri
És mulher da rua;
E no Bairro mais alto do sonho
Ponho o fado que soube inventar,
Aguardente de vida e medronho
Que me faz cantar.

REFRÃO:

Lisboa menina e moça, menina
Da luz que os meus olhos veem tão pura;
Teus seios são as colinas, varina,
Pregão que me traz à porta, ternura!
Cidade a ponto luz bordada,
Toalha à beira mar estendida
Lisboa menina e moça, amada
Cidade mulher da minha vida;
Lisboa no meu amor deitada
Cidade por minhas mãos despida
Lisboa menina e moça, amada
Cidade mulher da nossa vida.

(in página 207)

Nota: Este fado integra o álbum *Uma Canção Para a Europa* (1976), reeditado, em 1980, com o título *Carlos do Carmo*, e novamente em 2013, sob o título *Uma Canção Para a Europa*. Faz parte, ainda, do CD *Coliseu dos Recreios de Lisboa: ao Vivo*, editado em 2004. O fadista é acompanhado à guitarra por José Maria Nóbrega, há 36 anos.

Em 2014, torna-se no segundo artista português a ganhar um Grammy, obtido na categoria “Lifetime Achievement” (entregue apenas aos artistas pelo conjunto da obra que produziram ao longo da sua carreira e não devido ao êxito que alcançaram com determinada canção ou álbum). No mesmo ano, a 19 de novembro, o fadista recebe o Grammy Latino de Carreira no Hollywood MGM de Las Vegas e é homenageado com um vídeo de “Lisboa Menina e Moça” a 35 vozes.⁸ Neste vídeo, de iniciativa da Rádio Comercial, trinta e cinco músicos de renome em Portugal cantam este fado como tributo ao Grammy de Carlos do Carmo, destacando-se alguns jovens fadistas, como Camané, Mariza, Raquel Tavares, Carminho, Cuca Roseta, entre outros.⁹

⁸ In: https://pt.wikipedia.org/wiki/Carlos_do_Carmo, acedido em setembro de 2015.

⁹ Esta hiperligação remete para o vídeo clipe da homenagem que os trinta e cinco cantores fizeram a Carlos do Carmo:

http://www.dnoticias.pt/sites/default/files/Radio_Comercial_Parabens_Carlos_do_Carmo_444516.mp4, acedido em outubro de 2015.

30. “*Lisboa Oxalá*”

Autor da Letra: Nuno Júdice

Autor da Música: Joaquim Campos [Fado Alexandrino]

Intérprete: Carlos do Carmo

Tal qual esta Lisboa, roupa posta à janela
Tal qual esta Lisboa, roxa jacarandá
Sei de uma outra Lisboa, de avental e chinela
Ai, Lisboa fadista, de Alfama e oxalá

Lisboa lisboeta, da noite mais escura
De ruas feitas sombra, de noites e vielas
Pisa o chão, pisa a pedra, pisa a vida que é dura
Lisboa tão sozinha, de becos e ruelas

Mas o rosto que espreita, por detrás da cortina
É o rosto d’outrora feito amor feito agora
Riso de maré viva numa boca ladina
Riso de maré cheia num beijo que demora

E neste fado deixo esquecido aqui ficar
Lisboa sem destino, que o fado fez cantar
Cidade marinheira sem ter que navegar
Caravela da noite que um dia vai chegar

(in página 206)

Nota: Integra o álbum *À Noite*, de 2007. No ano em que celebrou o seu 50º aniversário de carreira (2013), Carlos do Carmo gravou o álbum *Fado É Amor*, um disco de duetos com vários fadistas contemporâneos – Mariza, Camané, Aldina Duarte, Carminho, Mafalda Arnauth, Ricardo Ribeiro, Marco Rodrigues, Raquel Tavares, Cristina Branco e Ana Moura. Neste álbum, o fado “Lisboa Oxalá” ocupa a faixa 3, e Carlos do Carmo partilha a interpretação com Carminho. A referência a este fado serve para concretizar as três vertentes Mar – Lisboa – Fado, intrinsecamente ligadas nos vários fados sobre Lisboa.

31. “Mãe Preta”

Autores da Letra e da Música: Piratini e Caco Velho

Pele encarquilhada carapinha branca
Gandôla de renda caindo na anca
Embalando o berço do filho do sinhô
Que há pouco tempo a sinhá ganhou

Era assim que Mãe Preta fazia
Criava todo o branco com muita alegria
Porém lá na sanzala o seu pretinho apanhava
Mãe Preta mais uma lágrima enxugava

Mãe Preta, Mãe Preta

Enquanto a chibata batia no seu amor
Mãe Preta embalava o filho branco do sinhô

(*in* página 185)

Nota: Este poema foi escrito em 1954, por dois brasileiros, Piratini (António Amábile) e Caco Velho (Mateus Nunes).

O poema e o respetivo disco foram proibidos em Portugal; apenas depois da revolução do 25 de abril, em 1978, Amália Rodrigues gravou o fado original “Mãe Preta”.

Entretanto, David Mourão-Ferreira escreveu outro texto muito diferente do brasileiro, intitulado de “Barco Negro”, mas destinado à melodia de “Mãe Preta”.

32. “Mar Português”

Autor da Letra: Fernando Pessoa
Autor da Música: João Braga
Intérprete: João Braga

Ó mar salgado, quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal!
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,
Quantos filhos em vão rezaram!
Quantas noivas ficaram por casar
Para que fosses nosso, ó mar!

Valeu a pena? Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena.
Quem quer passar além do Bojador
Tem que passar além da dor.
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,
Mas nele é que espelhou o céu.

(in página 256)

Nota: Este poema foi musicado por João Braga, e integra o seu álbum intitulado *Portugal/Mensagem, de Pessoa*, que foi editado em 1985. João Braga iniciou-se como autor de melodias em 1984, musicando os poemas “O Menino da Sua Mãe” (do *Cancioneiro*) e “Prece” (de *Mensagem*), de Fernando Pessoa.

“Mar Português” foi, igualmente, cantado por Frei Hermano da Câmara e Américo. Encontramos, ainda, este poema cantado como fado por Carlos do Carmo, com arranjos musicais de José Campos e Sousa¹⁰. Este fado integra o primeiro CD (*Os Poetas*) da Antologia intitulada *100 Canções, 1 Vida*, que é composta por dez CD, e foi gravada e editada em 2010, para a editora discográfica *Universal* e o *Jornal Público*.

¹⁰ Vide Portal do Fado, in:

http://www.portaldofado.net/component/option,com_jmovies/Itemid,336/task,detail/id,1961/, consultado em junho de 2015.

33. “*Maria Severa*”

Autor da Letra: José Galhardo

Autor da Música: Raul Ferrão

Intérprete: Argentina Santos

Num beco da Mouraria
Onde a alegria do sol não vem
Morreu Maria Severa
Sabem quem era? ... talvez ninguém

Uma voz sentida e quente / Que hoje á terra disse adeus
Voz saudosa, voz ausente
Mas que vive eternamente / Dentro em nós e junto a Deus
Além nos céus

Bem longe onde o luar e o azul tem mais luz
Eu vejo-a rezar aos pés duma cruz
Guitarras trinaí, viradas p’ro céu
Fadistas choraí porque ela morreu

Caiu a noite na viela
Quando o olhar dela deixou de olhar
Partiu p’ra sempre vencida
Deixando a vida que a fez chorar

Deixa um filho idolatrado / Que outro afecto igual, não tem
Chama-se ele “o triste fado”
Que vai ser desenjeitado / Se perdeu o maior bem
O amor de mãe.

(in páginas 230)

Nota: Este fado pertenceu ao repertório de Fernanda Maria, de Augusta Ermida e de Argentina Santos.

34. “*Nasceu Assim, Cresceu Assim*”

Autor da Letra: Vasco Graça Moura

Autor da Música: Fernando Tordo

Intérprete: Carlos do Carmo

Talvez a mãe fosse rameira de bordel
Talvez o pai um decadente aristocrata
Talvez lhe dessem à nascença amor e fel
Talvez crescesse aos tropeções na vida ingrata

Talvez o tenham educado sem maneiras
Entre desordens, navalhadas e paixões
Talvez ouvisse vendavais e bebedeiras
E as violências que rasgavam corações

Talvez ardesse variamente em várias chamas
Talvez a história fosse ainda mais bizarra
No desamparo teve sempre duas amas
Que se chamavam a viola e a guitarra

Pois junto delas talvez já o reconheçam
Talvez recusem dar-lhe o nome de enfeitado
E mesmo aqueles que o não cantam não esqueçam
Nasceu assim, cresceu assim, chama-se Fado

(in página 181)

Nota: Como o próprio título indica, o nome deste poema da autoria de Vasco Graça Moura e interpretado por Carlos do Carmo (editado em 2003, no álbum *Fado Maestro*) deixa inferir a sua pertinência para a história do Fado, entre nós. Explica-se, assim, a razão para a sua inserção no capítulo 5.2.- *O Fado: origem histórica*. Todo o espaço envolvente em que emerge o Fado, neste poema, se estreita em íntima articulação com o ambiente degradante que está associado à génese desta forma musical. Os intervenientes que subtilmente sobressaem desta composição poética serão, certamente, uma alusão à lenda da fadista Severa e do Conde de Vimioso (“Talvez a mãe fosse rameira de bordel / Talvez o pai um decadente aristocrata”).

O seu intérprete, Carlos do Carmo (Lisboa, 21 de dezembro de 1939), é um cantor do Fado português, cuja ascendência familiar está relacionada com a vivência do Fado, já que os seus pais eram proprietários de uma casa de Fado, em Lisboa. Carlos do Carmo iniciou a sua carreira artística em 1964, mas gravou o seu primeiro disco com, apenas, nove anos de idade.

Vasco Graça Moura (Porto, Foz do Douro, 3 de janeiro de 1942 - Lisboa, 27 de abril de 2014) foi um dos escritores portugueses mais relevantes da literatura portuguesa da segunda metade do século XX. No dia da sua morte, o então primeiro-ministro português, Pedro Passos Coelho, destacou a atividade de Graça Moura como “divulgador das letras portuguesas”, realçando o seu “vasto legado literário, marcado pela inspiração e pela dedicação à língua portuguesa [...], uma constante procura da identidade nacional e um

clarividente pensamento sobre as raízes, a herança política e filosófica e o futuro da Europa”¹¹.

Fernando Tordo (Lisboa, 29 de março de 1948) é um cantor e compositor português. Compôs algumas das músicas mais emblemáticas do cancionário da língua portuguesa com o poeta José Carlos Ary dos Santos, entre as quais destacamos “Tourada”, “Estrela da Tarde”, “Lisboa Menina e Moça”, “Cavalo à Solta”, “Balada para os Nossos Filhos” e “O Amigo que eu canto”. Os seus temas são cantados por intérpretes como Carlos do Carmo, Mariza, Carminho, Amor Electro, Simone de Oliveira, entre outros. É considerado uma figura tutelar da música Portuguesa pela extensão e originalidade da sua obra¹².

¹¹ In: http://pt.wikipedia.org/wiki/Vasco_Gra%C3%A7a_Moura, acedido em junho de 2015.

¹² In: http://pt.wikipedia.org/wiki/Fernando_Tordo, acedido em junho de 2015.

35. “O Infante”

Autor da Letra: Fernando Pessoa

Autor da Música: João Braga

Intérprete: João Braga

Deus quer, o homem sonha, a obra nasce.
Deus quis que a terra fosse toda uma,
Que o mar unisse, já não separasse.
Sagrou-te, e foste desvendando a espuma,

E a orla branca foi de ilha em continente,
Clareou, correndo, até ao fim do mundo,
E viu-se a terra inteira, de repente,
Surgir, redonda, do azul profundo.

Quem te sagrou criou-te português.
Do mar e nós em ti nos deu sinal.
Cumriu-se o Mar, e o Império se desfez.
Senhor, falta cumprir-se Portugal!

(in página 256)

Nota: Este poema foi adaptado ao fado por João Braga, que editou em LP, no ano de 1985, para a Sassetti, com o título de *Portugal/Mensagem, de Pessoa*. Dulce Pontes, artista da *world music*, que contribuiu para o renascimento do fado nos anos noventa do século XX, também cantou este fado, em Istambul. O seu álbum *O Coração Tem Três Portas*, editado em 2006, foi gravado ao vivo por cinco continentes.

36. “O Que Sobrou de um Queixume”

Autor da Letra: Carlos do Carmo

Autor da Música: Frederico de Brito

Intérprete: Carlos do Carmo

Se não sabes o que é Fado
Sem ter sombra de pecado
Sem traições
Corações
Aos baldões
E paixões de vielas
Se não fazes uma ideia
Desta triste melopeia
Que nos alegra
E por via de regra
Choramos com ela
Se não sabes como encanta
Quem o ouve e quem o canta
Quando se agarra
A uma guitarra
À luz do luar
Fado dum fado nascido
Um grito de espanto, um gemido
Vem ver Lisboa
Como ela o entoa
E o canta a chorar!

Fado é amor
Que sobrou d'algum queixume
Que se agarrou ao ciúme
E se embrulhou no seu manto
Fado é a dor
É o meio-termo da vida
Nem esperança perdida
Nem riso, nem pranto!

Se não sabes que a tristeza
Que nos prende, e fica presa
Não é mais
Que os sinais
Usuais
D'alguns ais sem agrado
Se não sabes que a Saudade
Que nos abre e nos invade
Só aparece
Quando não se esquece
Que também é fado
Se não sabes o que é esperança

Que não para, que não cansa
E é com certeza
Tal como a firmeza
Um rasto de Fé
Sonho dum sonho desfeito
O gosto dum gosto perfeito
Que nos embala
Mas que não se iguala
Ao que o Fado é.

(in páginas 209-210)

Nota: Este fado foi gravado, pela primeira vez, em 1976, inserido no álbum homónimo. Em 2003, Carlos do Carmo voltou a integrá-lo no álbum *Do Tempo Do Vinil*, em dueto com Raquel Tavares. Mais recentemente, em 2013, o mesmo fado ocupa a faixa 6 do álbum *Fado É Amor*, de novo em dueto com Raquel Tavares.

37. “Primavera”

Autor da Letra: David Mourão-Ferreira

Autor da Música: Alain Oulman

Intérprete: Amália Rodrigues

Todo o amor que nos prendera,
Como se fora de cera,
Se quebrava e desfazia.
Ai funesta Primavera,
Quem me dera, quem nos dera,
Ter morrido nesse dia.

E condenaram-me a tanto,
Viver comigo meu pranto,
Viver, viver e sem ti.
Vivendo sem no entanto,
Eu me esquecer desse encanto,
Que nesse dia perdi.

Pão duro da solidão,
É somente o que nos dão,
O que nos dão a comer.
Que importa que o coração,
Diga que sim ou que não,
Se continua a viver.

Todo o amor que nos prendera,
Se quebrara e desfizera,
Em pavor se convertia.
Ninguém fale em Primavera,
Quem me dera, quem nos dera,
Ter morrido nesse dia.

(in página 247)

Nota: Gravado em 1953, este poema foi o primeiro a ser-lhe oferecido pelo próprio autor, David Mourão-Ferreira. A colaboração entre este poeta e Amália iniciou com a gravação deste fado, adaptado à melodia do *Fado Pedro Rodrigues* (apud NERY, R. V., 2010: 88). No álbum *Fados 67*, volta a aparecer o fado “Primavera”, considerado “uma das mais impressionantes versões de toda a discografia amaliana” (ibidem: 90).

38. “Pierrot”

Autor da Letra: João Linhares Barbosa

Autor da Música: Alfredo Marceneiro

Intérprete: Alfredo Marceneiro

Naquele dia de entrudo, lembro bem
Um intrigante Pierrot, da cor do céu
Um ramo de violetas, pequeninas
Á linda morta atirou, como um adeus

Passa triste o funeral, é duma virgem
Mas ao povo que lhe importa, aquele enterro
Que a morte lhe passa à porta, só por ele
Em dia de carnaval, e de vertigem

Abaixo a máscara gritei, com energia
Quem és tu grosseiro que ousas, profanar
Perturbar a paz das lousas, tumulares
E o Pierrot disse não sei, que não sabia

Sei apenas que a adorei, um certo dia
Num amor todo grilhetas, assassinas
Se não vim de vestes pretas, em ruínas
Visto de negro o coração, e resoluto

Atirou sobre o caixão, como um tributo
Um ramo de violetas, pequeninas
Atirou sobre o caixão, como um tributo
Um ramo de violetas, pequeninas.

(in páginas 253)

Nota: A partitura manuscrita deste fado data de 1928, mas a sua gravação integra o álbum *Nos tempos em que eu cantava* (1972), de Alfredo Marceneiro.

39. “*Sou do Fado*”

Autor da Letra: Frederico de Brito

Autor da Música: Júlio de Sousa

Intérprete: Carlos do Carmo

Sou do fado, como sei
Vivo um poema cantado
De um fado que eu inventei
A falar não posso dar-me
Mas ponho a alma a cantar
E as almas sabem escutar-me

Chorai, chorai, poetas do meu país
Troncos da mesma raiz
Da vida que nos juntou
E se vocês não estivessem a meu lado
Então não havia fado nem fadistas como eu sou

Nesta voz tão dolorida
É culpa de todos vós
Poetas da minha vida
A loucura, ouço dizer
Mas bendita esta loucura de cantar e sofrer

Chorai, chorai, poetas do meu país
Troncos da mesma raiz, da vida que nos juntou
E se vocês não estivessem a meu lado
Então não havia fado

(*in* página 205)

Nota: Originalmente cantado por Berta Cardoso, este é um dos mais célebres do repertório do Fado: “O Fado Loucura” é muitas vezes interpretado com a letra “Sou do fado” (Ana Moura, Carlos Zel, Carlos do Carmo são apenas exemplos).

40. “*Tudo Isto É Fado*”

Autor da Letra: Aníbal Nazaré

Autor da Música: Fernando Carvalho

Intérprete: Amália Rodrigues

Perguntaste-me outro dia
Se eu sabia o que era o fado
Disse que não sabia
Tu ficaste admirado
Sem saber o que dizia
Eu menti naquela hora
Disse-te que não sabia
Mas vou-te dizer agora
Almas vencidas
Noites perdidas
Sombras bizarras
Na Mouraria

Canta um rufia
Choram guitarras
Amor ciúme
Cinzas e lume
Dor e pecado
Tudo isto existe
Tudo isto é triste
Tudo isto é fado

Se queres ser o meu senhor
E teres-me sempre a teu lado
Não me fales só de amor
Fala-me também do fado
E o fado é o meu castigo
Só nasceu pr'a me perder
O fado é tudo o que digo
Mais o que eu não sei dizer.

(in página 255)

Nota: Amália cantou este fado nas sessões de Abbey Road¹³, em 1952, acompanhada por Raul Nery à guitarra e por Santos Moreira, à viola. “Tudo Isto é Fado” tinha sido cantado por Irene Isidro, em 1949, na Revista *Feira da Avenida*, tendo obtido um êxito estrondoso.

¹³ “Em 1952 (dez anos antes dos Beatles, como Amália gostava de frisar), são registados 19 temas nos prestigiados estúdios Abbey Road. O repertório escolhido é bastante heterogéneo, compreendendo criações suas como o emblemático “Foi Deus” de Alberto Janes, êxitos de revista, fados tradicionais, flamencos e até êxitos brasileiros. Consta que as gravações são resultado de uma única – e verdadeiramente inspirada – sessão.” Informação disponível in: <http://www.cnmusica.com/index.php/catalogo/musica-29/fado/at-abbey-road-the-complete-sessions.html>, acedido em junho de 2015.

Amália gravou este fado em single, no ano de 1955, acompanhada à guitarra portuguesa por Domingos Camarinha, e à viola por Santos Moreira.

Porém, no álbum “Recordações” (do repertório de Lucília do Carmo) gravado ainda em discos de 78 rotações, em 1958, encontramos o mesmo fado cantado pela voz de Lucília do Carmo.

41. “Uma Casa Portuguesa”

Autor da Letra: Reinaldo Ferreira¹⁴

Autor da Música: Vasco Matos Sequeira e Artur Fonseca¹⁵

Intérprete: Amália Rodrigues

Numa casa portuguesa fica bem,
Pão e vinho sobre a mesa.
E se à porta humildemente bate alguém,
Senta-se à mesa co’a gente.
Fica bem esta franqueza, fica bem,
Que o povo nunca desmente.
A alegria da pobreza
Está nesta grande riqueza
De dar, e ficar contente.

Quatro paredes caiadas,
Um cheirinho a alecrim,
Um cacho de uvas doiradas,
Duas rosas num jardim,
Um São José de azulejo,
Mais o sol da primavera...
Uma promessa de beijos...
Dois braços à minha espera...
É uma casa portuguesa, com certeza!
É, com certeza, uma casa portuguesa!

No conforto pobrezinho do meu lar,
Há fartura de carinho.
E a cortina da janela é o luar,
Mais o sol que bate nela...
Basta pouco, pouquinho p’ra alegrar
Uma existência singela...
É só amor, pão e vinho
E um caldo verde, verdinho
A fumar na tigela.

Quatro paredes caiadas,
Um cheirinho a alecrim,
Um cacho de uvas doiradas,
Duas rosas num jardim,
São José de azulejo
Mais um sol de primavera...
Uma promessa de beijos...
Dois braços à minha espera...
É uma casa portuguesa, com certeza!

¹⁴ Reinaldo Edgar de Azevedo e Silva Ferreira (Barcelona, 20 de março de 1922; Lourenço Marques, 30 de junho de 1959) foi um poeta português que realizou toda a sua obra em Moçambique. Informação disponível in: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Reinaldo_Ferreira_\(filho\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Reinaldo_Ferreira_(filho)), acedido em junho de 2015.

¹⁵ O Maestro Artur Fonseca dirigia a orquestra de salão da Rádio Clube de Moçambique. Informação disponível in: <https://delagoabayword.wordpress.com/2011/12/01/o-fado-portugues-mais-mocambicano/>, acedido em junho de 2015.

É, com certeza, uma casa portuguesa!
É uma casa portuguesa, com certeza!
É, com certeza, uma casa portuguesa!

(in página 246)

Nota:

Gravado em 1953, foi cantado pela primeira vez por Sara Chaves¹⁶. A canção tinha originalmente um ritmo lento, suave, expressivo, bem diferente do que é conhecido em Portugal, na interpretação de Amália Rodrigues.

Posteriormente, João Maria Tudela apresentou-o a Amália Rodrigues, que o incluiu no seu álbum *Amália no Olympia*, gravado em 1957, celebrizando-o mundialmente. Neste disco, o primeiro de longa duração de Amália Rodrigues, a fadista foi acompanhada pelos músicos Domingos Camarinha e Santos Moreira.

Este fado internacionalizou-se de tal modo que múltiplas versões foram entretanto gravadas, um pouco por todo o mundo¹⁷:

- a) Em 1955, a cantora espanhola Gloria Lasso gravou duas versões, sendo uma em castelhano (“Una Casa Portuguesa”), com letra de G. Dasca, e uma em francês (“Quand Je Danse Dans Tes Bras”), com letra de Max François.¹⁸ A canção foi gravada em Espanha, ainda na década de 50, por cantores como o espanhol Jorge Sepúlveda e a argentina Lydia Scott. E, mais tarde, nos anos 60, por Marisol.
- b) Em Itália, “Una Casa Portuguesa” foi gravada por Wilma de Angelis, pelo quarteto vocal Poker di voci ou por Gerardo e il suo complesso.
- c) O maior número de versões registou-se, no entanto, em França, com cantores como Frederica, Lynda Gloria (do Casino de Paris) e Jacques Hélian a interpretarem “Quand Je Danse Dans Tes Bras”, e inúmeras versões instrumentais por orquestras como as de Hubert Rostaing, Henri Rossotti, Eddie Barclay e Noel Chiboust Pourcel, ou músicos como o acordeonista Marcel Azzola e o pianista Charlie Oleg.
- d) “Uma Casa Portuguesa” tornou-se igualmente uma das canções portuguesas mais populares no Brasil, sendo gravadas, ainda na década de 50, versões por artistas luso-brasileiros como Gilda Valença e Manoel Monteiro. Foi cantada em 1984 por João Gilberto num concerto em Portugal. Também foi recuperada por Caetano Veloso que a gravou em conjunto com as canções brasileiras “Por causa de você” e “Felicidade”.
- e) Nelson Riddle gravou igualmente o tema “Uma Casa Portuguesa”, também conhecido como “House in Portugal”, em 1958, na sequência do sucesso de “Lisbon Antigua”, que foi nº1 nos Estados Unidos em 1955. O tema foi igualmente gravado pela orquestra de Reginald Conway, em ritmo samba, sob o título “Uma Casa Portuguesa (A Portuguese home)”.
- f) Foi gravado, nos anos 70, pelo cabo-verdiano Johnny Rodrigues, que obteve bastante sucesso nos Países Baixos com versões de temas portugueses como “Hey Mal yo”.

¹⁶ Cantora angolana, Sara Chaves cantou este fado no Teatro Manuel Rodrigues, em Lourenço Marques, no dia 30 de janeiro de 1952, num sarau em honra de uma delegação do Colégio Militar de Lisboa, que então visitava Moçambique.

¹⁷ Informação recolhida in: <http://portugal-mundo.blogspot.pt/2013/10/uma-casa-portuguesa-de-cariz.html>, acedido em junho de 2015.

¹⁸ Amália Rodrigues e Gloria Lasso receberam o troféu “Caravela de prata” em 1955. O tema foi gravado sob direção de orquestra de Franck Pourcel, que igualmente lançou uma versão instrumental.

Bibliografia

CARVALHO, Pinto de (Tinop) (1903) – *História do Fado* (com Ilustrações), ed. Facsimilada, Lisboa: Empresa da História de Portugal, Sociedade Editora. Disponível em <http://archive.org/stream/historiadofado00carvgoog#page/n8/mode/2up>, acedido em 22 de junho de 2012.

NERY, Rui Vieira (2010) – *Pensar Amália*, Lisboa: Tugaland.

PESSOA, Fernando (1942) - *Poesias*. (Nota explicativa de João Gaspar Simões e Luiz de Montalvor), Lisboa: Ática (15ª ed. 1995).

SANTOS, Vítor Pavão dos (2014) – *O Fado Da Tua Voz – Amália e os Poetas*, 1ª Edição, Lisboa: Bertrand Editora.